

**UMA GESTALT ALUCINATÓRIA?
DO LABORATÓRIO, À WORKSHOP, E DAÍ À SHOW ROOM
ou Gestalt e a novela da 8
Responsabilidade teórica, epistemológica, ontológica**

Afonso Fonseca, psicólogo.

Gestalt deixou-me desconcertado...

Víamos alguns bons profissionais, fazendo bons trabalhos, por suas qualidades pessoais. E muitos querendo se exhibir.

Víamos uma abordagem moderna, versátil, mas com muitos enigmas e imprecisões. Parecia uma abordagem fantasmática. Porque víamos aquilo tudo, mas onde estão os fundamentos? Quais são os fundamentos? Nada, além de alguns bordões. 'É uma terapia do aqui e agora!', 'uma terapia do presente!', '...da consciência'.

Parecia até, e parece, haver um culto ao ausente. Como se indagar pelos fundamentos não fosse de bom tom. A ignorância virava muxoxo. E desprezo.

Muito, ainda hoje funciona assim.

Foi longo caminho até aqui, para desvendar alguns fundamentos importantes.

Depois, entendemos que era verdadeira a impressão da transformação, melhor diríamos, degradação, da Gestalt terapia, de 'laboratório', em 'work shop', e daí em 'show room', onde o terapeuta se exhibia, e ganhava prestígio, e fazia seu merchandising.

Na ausência de fundamentação valia, e vale, qualquer tom. Até evocar a novela das 8, como exemplo.

Muitos, pareciam, e parecem, pensar que podiam ser um 'charlatão', como se Fritz Perls. Que se dizia "apenas mais um charlatão 'Judeu'".

Mas Fritz era original e inspirado, sabia o que dizia, quando assim se designava. Sabia o que isto significava de necessidade, e criação. Era criativo. E não imitava a ninguém. Estava buscando, sim. E inventando. Mas a inspiração de sua busca era rica, e segura.

Diz-se que, no leito de morte, tentou arrancar os tubos e agulhas que lhe mantinham a vida. Veio a enfermeira, e tentou contê-lo e fazê-lo recostar. 'O sr. não pode fazer isso, Dr. Fritz'. Disse a enfermeira.

Ele replicou: NÃO ME DIGA O QUE EU DEVO FAZER!! E caiu morto...

Tal era a insubmissão de Fritz Perls...

Sobretudo, era um criador, original. Entendia que vida não era para ser desperdiçada. E perseguiu em sua vida, e trabalho, a dramática a pureza, a originalidade, da dramática, da estética, e da poética da existência. Muito lhe deverá sempre, não só a Gestalt, mas a própria Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.

Era um artista. Apesar de que Laura, sua esposa, tinha mais esta forma.

Era-o a seu modo.

E, como tal, não podia deixar de ser um falso. Um 'falso brilhante'.

Sabia o que dizia, quando se dizia 'apenas mais um charlatão Judeu'. Não era prá todo mundo. Ainda existem?

Foi artista, no sentido não só teatral, mas no sentido de trazer do velho mundo naufragado a Gestalt para um novo mundo. E, de um ser de um mundo naufragado, criou um personagem, e interpretou-se num novo mundo. Criando, não só uma senda para a Psicologia e Psicoterapia, mas para as Ciências Humanas, e para a Ciência e cultura em geral.

Tentava-se imitar o estilo de Fritz Perls. Mas o estilo de Fritz Perls era só dele. Tinha uma história. Era datado e situado. Sobretudo, rejeitava a imitação.

Fritz Perls vinha da fina flor do movimento artístico do Expressionismo. Da fina flor do Teatro Expressionista. Do teatro experimental expressionista de Max Rhinehardt e do Leaving Theater. Não é pouco.

O Impressionismo, e o Expressionismo são nobres avenidas para a Fenomenologia, para o existencialismo, e do existencialismo, e para a Gestalt e Psicologia e Psicoterapia fenomenológico existencial.

**IMPRESSIONISMO E EXPRESSIONISMO. TEATRO EXPERIMENTAL
EXPRESSIONISTA**

Desde o Impressionismo, os artistas buscavam como guia a consígnia da vivência e da expressão.

Digo 'como guia', porque orientação, ou desorientação, da criação poética.

A vivência e a expressão -- num gesto performático --, que configura a fenomenologia da ação, que gestaltifica. A fenomenologia como fenomenologia da ação.

Para tal, começaram a entender, sob a má e perversa indicação de Nietzsche, que algo de efetivamente suspeito existe na obviedade da estrutura do mundo enquanto dicotomia sujeito-objeto. Imagine no objetivismo, tão comum, e ordinário.

Primeiro, na obra de arte, não se tratava de copiar, e ser fiel na cópia de um objeto.

Que nada...

A obra de arte vem de uma outra dimensão.

E não da coisidade da objetividade.

Também, a obra de arte não vem da subjetividade. Da coisidade indecorosamente paralítica da subjetividade.

Hoje diríamos que, nem objetividade, nem subjetividade. A obra de arte vem da transjetividade existencial da duração da vivência poética da ação.

Que, jamais, está ligada ao domínio de um objeto a ser copiado, na obra de arte. Mas é absorção na vivência da dialógica da possibilidade, na aventura da dramática do episódio da ação. Inobjetiva. Ontológica. Fenomenológico existencial, e dialógica.

Esta metodologia, de privilégio da dramática da poética da ação, é sempre um laboratório.

Um 'atório' do labor.

E o labor NÃO É trabalho (work) sobre um objeto.

Mas eLABORAção da vivência do desdobramento de possibilidades da eventualidade da atualização, da ação.

De modo que é uma aberração quando Gestalt deixa de ser um LABORatório, para ser WORKshop...

Porque muda-se radicalmente o sentido. E o trabalho, o WORK, é trabalho de um sujeito sobre um objeto. E não elaboração vivencial. A ênfase deixa de ser a elaboração do cliente, para ser o trabalho do terapeuta sobre ele.

Em síntese é a degradação de uma metodologia empírica e experimental, de ontologia e de epistemologia e método ontológicos, fenomenológico existenciais dialógicos; numa metodologia grosseiramente empírica no incabível sentido objetivista.

Já a transição do modelo de workshop, para o modelo de show room da Gestal Terapia, é uma semvergonhice.

Ou melhor... Ou é desconhecimento e imaturidade. Ou é casada, também com semvergonhice. Porque abuso do cliente, e semvergonhice.

A ação é movimento, movimentação, moção, emoção, motivação. Inobjetiva. Nem subjetiva.

'Estávamos cheias de sermos nós... E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade.'
Fernando Pessoa.

'Não se encontrará pessoas, tratando-as apenas como objetos...'
Ronald Laing.

E não a impossível criação da paralisia de um sujeito.

O intérprete, o ator, é o dramaturgo da ação. Não é uma instância, mas um modo de sermos.

Modo de sermos ontológico da implicação, e da compreensão.

Como o outro modo de sermos, ôntico -- do objeto, e do sujeito, sujeito. Dejetos. Da coisidade, da explicação.

Isso intuíram consistentemente os Impressionistas, e os Expressionistas.

Fritz Perls vinha da fina flor do Expressionismo. Gestalt é Teatro Expressionista em terapia. E esta é a principal fundamentação de Fritz Perls.

Por boa ventura, esta inspiração do Impressionismo, e do Expressionismo, tem a ver com as evidências e mistérios da criação; com a criação, enquanto atualização da vivência de possibilidades.

E a fenomenologia existencial, a dramática da ação; a gestaltificação; a estética e a poética da existência, são, em essência, o processo da criação, do ato da criação. Da ação.

A Gestalt Terapia, em essência, tem a ver com o processo da criação. Com a ação. Atualização. Prê(s)ente, é o modo de sermos da ação. O modo pré-ente, pré-coisa, não coisa, de sermos.

E, como tal, com a vivência da duração da transjetividade da intensionalidade, da instataneidade momentânea da ação. Ou seja: da criação.

É isso que Fritz Perls aprende com o Teatro Expressionista. Sua principal inspiração. A não imitação. E a afirmação pontual dos instantes do modo existencial de sermos, em que não somos coisa. Em que não somos sujeitos, nem objetos, dejetos. Em que somos atores. E o outro, o mundo não o são, igualmente. Mas a dialógica de um TU, na instataneidade momentânea da ação.

Quando Fritz chega aos EUA, a Psicanálise era dominante no mundo. E Fritz queria demonstrar a alternativa de seu método.

É levado a fazê-lo por demonstrações. E pelo exibicionismo de sua teatralidade expressionista.

Este era o seu estilo. Desta o seu exibicionismo derivava.

Mas, não era qualquer coisa; não era qualquer tom.

Fritz Perls tinha uma sólida fundamentação no Teatro Expressionista. Que, por sua vez, ressoava a Nietzsche, e a fenomenologia existencial da ação. Da mesma forma que a inspiração da gestaltificação. A poética, a estética, a arte.

Era, e é, bobo querer imitá-lo -- quando seu método era a não imitação. Era fenomenológico existencial dialógico. Poético. Era, e é, bobo. E não entender o expressionismo, a fenomenologia; a fenomenologia existencial da ação; a criação; a gestaltificação. A estética. E a poética.

Pois muita gente tentava, e tenta, imitar a Fritz Perls. É, quase, uma distorção cultural...

GESTALT, A ABERRAÇÃO DO PRAGMATISMO.

Aberrante, também, é o descaminho que tomaram alguns Gestalt Terapeutas do Instituto de Gestalt de Nova York. fascinaram-se pelos inegáveis méritos do Pragmatismo. Em particular, suas conquistas políticas, e a ociosidade de uma postura teórica, e metafísica. E queriam 'nacionalizar' a Gestalt. Em particular nos EUA, depois da guerra com a Alemanha

Mas não se precaram de que trata-se o Pragmatismo de uma postura eminentemente empirista, especificamente, no sentido objetivista.

O que ontológica, epistemológica, e metodologicamente, a incompatibiliza com a sintonia fina da gestaltificação. Da fenomenologia da ação, da existência, da existenciologia. Afastando-a, irremediavelmente, da estética e da poética. Que dá-se radicalmente, sem espaço para tergiversações, no modo anterior, presente, prèt-ente, à dicotomia sujeito objeto. E a qualquer objetivismo.

A gestaltificação da vivência da do episódio da ação é eminentemente estética, e poética. É ontológica. Fenomenológico existencial, e dialógica. Inobjetiva. A utilidade pressupõe um objeto. A vivência gestaltificativa -- enquanto vivência fenomenológico existencial, e dialógica -- prescinde do objeto. É intensional, não causal, desproposital, e não útil. Não pragmática. O objetivismo, a utilidade, a causalidade, o propósito, a prática (pragmática) a inviabilizam e aniquilam...

Ou seja metodologica, epistemológica, e ontologicamente, não se conjuga, é incompatível, com o empirismo objetivista, com o objetivismo, do Pragmatismo.

Por isso que falamos como 'aberrante' o caminho que alguns terapeutas do Instituto de Gestalt de Nova York tomam, ao quererem atribuir à Gestalt Terapia uma fundamentação no Pragmatismo.

A gestaltificação, a metodologia, a epistemologia, e a ontologia gestaltificativas são eminentemente transjetivas. Fenomenológico existenciais, e dialógicas...

Essa história começa, na verdade, com Paul Goodmann. Intelectual brilhante, militante das causas sociais dos EUA da época (não necessariamente do Brasil, que ignorava), versado na Psicanálise, e no Pragmatismo. Foi pioneiro da Gestalt Terapia, com Fritz e Laura, e os outros pioneiros

Mas meio desencaminhado, em termos de fundamentação teórica. Uma alma norte americana, essencialmente, comprometido com a realidade de seu país, naquele momento. Não escapou de querer fazer uma patriotada teórica.

Goodmann não entendeu as sutilezas, e a riqueza, das intuições da gestalt européia de Fritz Perls. E corrompeu a sofisticação da idéia de gestalt de Fritz e Laura Perls, que se explicitava original e pioneiramente, no seu estilo, aparentemente, só aparentemente, simplório, e rude. Fritz deve tê-lo odiado mesmo.

No memorial de Fritz, dias depois de seu falecimento, compareceu e soltou, puerilmente, um monte de impropérios contra Fritz. De modo deselegante, supostamente "gestáltico".

Fritz e Laura vinham da fina flor da arte européia, da revolução da estética e da poética da gestalt, do meio de uma intelectualidade revolucionada por Nietzsche, da dialógica de Martin Buber, da Fenomenologia, do existencialismo, e da irrupção na Europa, mormente na Alemanha, da Filosofia Oriental. Goodmann possuía um arremedo de Psicanálise, e vinha da rombuda e pobre filosofia americana. Muitos se perguntavam se há Filosofia por lá. Hoje em dia, já há alguma. Em contraposição com a sofisticada Filosofia e arte Alemães.

Escapados de Hitler, Perls e Laura viveram e trabalharam na África do Sul. Quando chegaram nos EUA, em 1946, Fritz levava o endereço de Paul Goodmann, que poderia escrever, como mero escriba, o livro -- Gestalt Therapy -- que Perls concebera. Contrata Goodmann para tal. Por um salário de US\$100,00.

Paul Goodmann havia lido, e feito Psicanálise -- nada como a formação psicanalítica de Fritz Perls...

Recebe os Perls com uma Psicanálise tosca. E com o empirismo, eminentemente objetivista do Pragmatismo. Intelectual reputado, participa ativamente dos desenvolvimentos iniciais da Gestalt Terapia, discutindo as idéias dos Perls, principalmente na escritura de Gestalt Therapy.

Em termos de idéias, as idéias de Paul Goodmann são pouco criativas. Porque carecem das intuições da gestalt -- e sua radical vinculação a uma metodologia, epistemologia e ontologia, ontológicas, fenomenológico existenciais dialógicas.

Paradoxalmente, execra as idéias de Reich; e de A. S. Neill. Justamente no que elas têm de original, e divergente da Psicanálise, para o desenvolvimento da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existenciais, da Gestalt Terapia.

Tenta corromper as intuições gestálticas de Fritz Perls, no sentido de toscos fundamentos psicanalíticos. E do Pragmatismo. Como se quisesse negar as origens definitivamente européias da Gestalt. De Nietzsche, de Buber, da Fenomenologia, do existencialismo...

Não conseguiu, mas causou estragos. Diria mesmo que a Gestalt demora em se recuperar das distorções das idéias psicanalíticas, e de fundamentação norte americanófilas de Paul Goodman, e recuperar a fonte de suas inspirações européias, e ontológicas, de uma ontologia, epistemologia, teoria, e metodologia fenomenológico existenciais dialógicas, gestálticas. Implicativas, e compreensivas.

E não explicativas.

Enquanto isso, a necessidade de uma abordagem mais simples e existencial de Psicologia e de Psicoterapia, e o estilo de divulgação de Perls, fizeram com que a Gestalt se desenvolvesse exponencialmente. E se espalhasse pelo mundo, chegando inclusive ao Brasil, nos anos sessenta e setenta. Eventualmente, com fundamentos ambíguos, em que hora apareciam distorsivamente esdrúxulos e impertinentes fundamentos psicanalíticos ou pragmáticos. Ao lado da ignorância e da incompreensão dos fundamentos gestálticos, necessariamente fenomenológicos, existenciais, e dialógicos, então nascentes, ou por nascer... Longe frequentemente da cultura de seus fundamentos, Gestalt vira uma grife, cara e não raro vazia, matéria prima para uma rendosa indústria. Que não se interessa pelos seus fundamentos, atrapalham. Mas só pelos aspectos de seu valor de troca. Com estudantes e profissionais, carentes e ávidos de conhecimento. E clientes ávidos de esperança.

Víamos, já nos oitenta, aquela interessante abordagem, e todo aquele exibicionismo. Mas uma questão, inevitavelmente batia, recorrentemente:

E os fundamentos? Quais são os fundamentos?

E éramos confrontados com chavões, como: é uma terapia do 'presente', do 'aqui e agora'... Mas que catzo é o 'presente', o 'aqui e agora', perguntávamos, imprudentemente. E recebíamos, na lata, um muxôxo, como se, definitivamente, não estivéssemos up to date. E o ipon: é uma terapia da 'awareness'... Como se a 'autoridade' soubesse de que estava falando... "Awareness" era, e é, um tipo de palavra mística. 'Um ter inglês, qque não tem tradução para o Português (Sub text: só entende quem fala Inglês...). Significa 'vivência pré-reflexiva, fenomenológica'. Perls a utiliza porque entendia pouco de Fenomenologia, e queria usar um termo mais acessível para os Norte

Americanos. E que evitasse as conotações e ambiguidades do termo 'consciência'. Não é a consciência reflexiva, teórica, conceitual...

Lembro que num grupo eu disse que Gestalt não se interessava pelo inconsciente. (Descobria a roda timidamente...)

Ohhhhhh...

Acompanhava um olhar de reprovação, quase repulsa, das senhoras presentes... Ninguém se preocupou de explicar, ou argumentar...

GESTALT THERAPY. Excitement and growth in human personality.

Começaram a vir os livros de Gestalt editados pelo sábio, discreto e bem humorado, Paulo Barros.

Apesar, da importância pioneira dos esforços de Paulo, aqueles livros refletiam os experimentos iniciais de Perls, nos EUA. Em geral com fins de demonstração... Eram interessantes como descrições, mas em termos de fundamentos... Refletiam as buscas de Perls, seguindo suas intuições. Suas dificuldades filosóficas, e teóricas. Suas dificuldades como escritor. Mormente numa língua que não era sua língua original. Ele escrevia mal em qualquer língua...

Mas não tinham as dificuldades de tradução que abundam na edição brasileira do Gestalt Therapy.

O Gestalt Therapy parece um Frankstein, apesar de ser tão charmoso. Mas era o que Perls podia produzir na época. Tem um pedaço daqui, outro dali. Nem sempre consistentes, e coerentes.

Tem passagens brilhantes. Aqui e acolá tem um pedaço de ouro puro, um dedo de platina, um pé de ouro. Escamas de prata.

Contém a ideia de gestalt. E é uma leitura obrigatória, para quem se interessa. Mas em termos explicativos, e da fundamentação... Perls cacareja como uma galinha prestes a botar um ovo... E era isso. Ainda por cima, a edição brasileira carece de uma revisão criteriosa.

Mas, hipóteses de trabalho. Que têm a ver com aquele momento de sua elaboração. E que têm que ser abandonadas, como estágios a serem descartados... Se não o foram por Perls. Precisam sê-lo por nós outros. E não assumirmos fósseis como fundamentos vivos...

Li o Gestalt Therapy, ainda numa cópia da edição inglesa, que me foi dada pela querida Ana Lofredo, companheira de um grupo pioneiro de gestalt terapeutas, e, por acaso, minha vizinha, no prédio da rua Campevas, no Sumaré. Nas mesas da biblioteca da PUCSP. Li, meticulosa e intensivamente, entre goles de café expresso forte, e pão de queijo...

Era confuso, no conjunto, mas um outro nível de explicitação conceitual. E com verdadeiras preciosidades, em termos das inspirações gestálticas de Perls... Um clássico da Gestalt. E que, criticamente, merece ser lido. Como um momento histórico da Gestalt Terapia, e como uma das poucas explicitações teóricas primárias. Ainda que tenha e deva ser superado.

De um modo geral, os gestalt terapeutas não leem o Gestalt Terapia. Porque parece desinteressante. O que é um absurdo. E, porque a tradução da edição brasileira é quase ilegível inteligivelmente. O que é uma pena. Porque aquele momento da gestalt Terapia é imperdível. Continua uma lacuna em nossa literatura de Gestalt.

FENOMENOLOGIA, NIETZSCHE, BUBER.

No período em que eu lia o Gestalt Therapy, eu entrava em contato com a Filosofia de Nietzsche -- num curso semestral na PUCSP, organizado por Suely Rolnik, com o brilhante Roberto Machado e a rigorosa e elegante Scarlett Marton. E entrava em contato com a Fenomenologia, na PUC e na USP, inicialmente com o simpático, elegante, competente e risonho Joel Martins.

Aí foi possível entender muita coisa, fazer ricas pontes, que não estavam escritas, entre a teoria e a prática de Fritz Perls, seu tempo, a Gestalt, a Fenomenologia, Nietzsche, e o existencialismo...

Foi um precioso tempo, igualmente, em termos do contato inicial com a dialógica de Martin Buber. Ainda na acanhada biblioteca da PUC, no Quarto andar. Que sobremaneira esclarecia, iluminava, a teoria de Perls, dentre outras questões.

CARL ROGERS

Pouco antes, eu tivera preciosas experiências com a abordagem rogeriana. No Brasil, na Itália, e nos EUA. Várias das quais com o próprio Rogers e equipe.

Carl Rogers era um gestalterapeuta light -- no bom sentido... O paradigma de gestalterapeuta, o melhor gestalterapeuta do mundo, ressaltando o seu estilo particular...

Digo isso sem nenhum demérito para Fritz Perls, a quem se sabe que admiro, profundamente.

Perls tinha, para bem ou para mal, a densidade humana da velha Europa, saída das ruínas da segunda guerra, e do Holocausto. Era ainda um refugiado de guerra. Sobrevivente ao genocídio. Rogers, para bem ou para mal, era leve. Parecia que já nascera californiano.

Mas, para Rogers, era mais fácil aderir, radical e naturalmente, a um ontologia, a uma epistemologia, a uma metodologia ontológicas, fenomenológico existenciais dialógicas. Do que para Fritz Perls.

Carl Rogers era psicólogo, como Laura Perls. Fritz carregava ainda o ônus, ontológico, epistemológico, e metodológico -- objetivista --, do modelo médico, e da Psicanálise. Tinha inúmeros outros méritos, mas este ônus pesou na interpretação de Perls da Gestalt. Ambos estavam em busca da mesma ontologia, da mesma epistemologia, da mesma metodologia. Muito das teorias de Rogers tinha que ser superada. E à medida que le adentra a fase dos grupos, faz um verdadeiro streap tease teórico. Chegando ao ponto zero da teoria.

Rogers interpretou a metodologia de Perls, sem o querer -- como tal --, com muito mais pureza e fidedignidade. Principalmente, na sua última fase, e relativamente aos grupos. Permite, com isso, um esclarecimento do próprio Fritz. É um antídoto contra os excessos objetivistas e tecnicistas deste, derivados de sua pretérita adesão ao paradigma médico, e ao paradigma psicanalítico.

Este contato com a construção da teoria em Gestalt Terapia, com Rogers, com Nietzsche, com a Fenomenologia, com Buber, permitiu construir pontes que não estavam explicitadas, mas que eram implícitas, e necessárias. E divisar caminhos, a serem experimentados.

Porque é isso. A Gestalt que Fritz deixou carece de ser vista como uma hipótese de trabalho, andaimes -- não como uma teoria pronta, ou numa abordagem sem fundamentação. Que, naturalmente, têm que vir a ser superados. Na direção de suas fontes fundamentais, efetivamente implícitas, e obscurecidas pela cultura selvagem objetivista dos EUA. Em Nietzsche, na Fenomenologia Gestaltificativa, na Dialógica de Buber, na Filosofia Oriental, no Teatro Expressionista.

É clara a vinculação do modelo da Gestalt Terapia a estas fontes.

PSICOLOGIA DA GESTALT

E, naturalmente, à teoria da Gestalt.

Digo 'teoria' da Gestalt, e não 'Psicologia' da gestalt.

A Psicologia da Gestalt é a história de um descaminho. Desde a adesão de alguns de seus expoentes ao nazismo, até o tratamento objetivista de processos eminentemente ontológicos. Do tratamento quantitativo de tema eminentemente qualitativos... Desvirtuando a idéia de gestalt. Perls não a considerava muito. A não ser as contribuições de Max Wertheimer.

Gestalt Terapia é muito mais filha do Teatro Expressionista do que da Psicologia da Gestalt...

A teoria da Gestalt floresceu muito mais na arte, na arquitetura, no design, na pedagogia, na propaganda, nas artes visuais...

Na Psicologia, resultaram em compêndios maçantes e impertinentes.

De qualquer forma, os ambientes nos quais se cultivava a gestalt foram destruídos pelo nazismo.

E a Gestalt aporta aos EUA como destroços de um mundo naufragado.

Nos EUA é recebida num ambiente objetivista, inóspito para suas características, eminentemente ontológicas.

O próprio Fritz Perls é contaminado pelo ambiente comportamentalista e convida um comportamentalista para ser co-autor, junto com Paul Goodman de seu livro clássico, juntando com suas idéias as perspectivas objetivistas comportamentais e pragmática, além da psicanalítica. Ele pensava numa abordagem de psicoterapia que sintetizasse todas as outras. E que produzisse 'mudança de comportamento'. Como se a mudança de comportamento não se desse pela via fenomenológica.

Chega a chamar a Gestalt de 'um comportamentalismo fenomenológico (!?)...

Kurt Goldstein era um médico, neurologista, com quem Fritz Perls trabalhou, que pensou em termos gestálticos a Neurologia, e a unidade corpo e mente. Teve contribuições brilhantes para a Neurologia, e para a constituição da Psicologia organísmica.

Fenomenologicamente, não obstante, Kurt Goldstein fica no objetivismo médico, e não supera a dicotomia sujeito-objeto. Fenomenologicamente não chegou à transjetividade da ação.

Teoricamente, Perls tropeça nos mesmos limites de Kurt Goldstein. E, apesar de chegar muito próximo, não supera a dicotomia sujeito-objeto, e o objetivismo.

ESTÉTICA

Para entender a metodologia da gestaltificação é preciso entender a Estética. E que Gestalt é uma abordagem estética.

Primeiro, que não há uma dicotomia estética e ética.

Como o termo indica a estética É a ética. A estética é a ética.

Mas, apenas, porque a estética é a ética da fenomenologia, da existência; da fenomenologia da existência; da ação.

Os Gregos antigos designaram como 'estesia' o modo pré-reflexivo, e pré-conceitual, de sermos; o modo fenomenológico e existencial de sermos. Modo poético de sermos. Porque o modo ontológico de sermos, no qual vivenciamos o sentido, como dimensão da vivência e do desdobramento, da atualização, do fenômeno. Do desdobramento de possibilidades.

Poeticamente, esta designação deriva do vento ESTÉSIO, que sopra na Grécia numa época do ano.

E era a moção, a emoção, que impulsionava os navios a fazerem-se ao mar, nas navegações...

Os Gregos entenderam que a moção, a emoção, da vivência de forças e do desdobramento de forças -- as possibilidades, que tensiona e impulsiona a fenomenologia existencial da ação, no modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos -- é similar ao vento estésio.

O impulsionamento que é a tensionalidade da atualização das forças de possibilidades, no modo ontológico de sermos, é a ESTESIA.

A instantaneidade momentânea -- da vivência episódica deste modo de sermos da estesia, na ação --, de vivência, pré-reflexiva e pré-conceitual, da estesia --, é a ESTÉTICA. A ética da estesia.

A ontologia é estética. A fenomenologia é estética. A hermenêutica (a interpretação) e a experimentação fenomenológico existencial dialógicas são estética. A implicação, a compreensão são estética. A musculação é estética. A existência, a ação, são estéticas.

A Ontologia da gestaltificação é estética. A epistemologia da gestaltificação é estética. A teoria, a metodologia da gestaltificação, são estéticas. E são, intrinsecamente, poéticas.

O impulsionamento da vivência e vivência do desdobramento possibilidades - - vivenciadas na estesia, na estética --, é tensional, é tensão, é intensionalidade, é intensional. De modo que a vivência de possibilidades, e do desdobramento, da atualização de possibilidades é flunar, errar, na intensionalidade, na intuição, pré-compreensão, e compreensão da ação, da vivência de possibilidades, e vivência do desdobramento de possibilidades. Ação, episódio da existência.

Neste sentido, estética é fazer-se ao mar da diápoiese e da dialógica. E navegar a força de suas intensidades.

GESTALT

A vivência de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades -- o episódio da existência, a ação, transjetiva --, é criativa, forma-ativa. Isto quer dizer, gestaltificativa, gestáltica. Cria a forma, o objeto. E o sujeito. Seus dejetos.

Uma coisa é o fazer -- a ação. Outra o feito. O fato.

A condição do fato é a fatalidade.

O fazer da gestaltificação. que é o episódio existencial da ação, inicia-se pela vivência, pré-reflexiva e pré-conceitual, do projeto (gestaltificação) de um desenho, um rascunho, desígnio, do episódio.

O desdobramento da fenomenação -- da ação, do episódio existencial --, é o desdobramento da intensionalidade deste projeto. Com a correção intuitiva, reajustamentos, das intercorrências no projeto original. Até a sua conclusão, com o decaimento da força de suas possibilidades.

Este projeto, rascunho, design, é inimputável.

Especificamente, não purificado, e não purificável.

Na medida em que se constitui pela sinestesia e pela cenestesia da colaboração da compreensão e da musculação de uma multiplicidade de possibilidades. Na constituição de totalidades significativas, pré-conceituais. Que são diferentes da soma de suas partes. Gestalt.

IMPLICAÇÃO, PERPLEXIDADE

A imPLICação, a perPLexidade, é a vivência ontológica -- pré-reflexiva, e pré-conceitual --, da sinestesia, e da cenestesia, da intensionalidade da multiPLICidade de possibilidades de cada episódio fenomenológico existencial da ação. Como compreensão e como musculação.

Cada episódio da ação, cada episódio da existência, é constituído por uma multiplicidade de possibilidades.

Analógica, esta multiPLICidade, é ininputada e ininputável. Não purificada, e não purificável, sem o empobrecimento de seus sentidos. Que derivam de sua multiPLICidade. .

Quando se perguntou a Fritz Perls como se operacionalizava a metodologia de sua abordagem, prosaicamente, de modo aparentemente simplório, ele respondeu: 'não atrapalhando'.

É preciso entender que esta prosaica resposta, aparentemente simplória, vale por um compêndio de fenomenologia existencial da ação, por um compêndio de metodologia fenomenológico existencial...

A intensionalidade da vivência das possibilidades é uma força (poh). Força que se impõe, se não for obstruída, 'atrapalhada'.

E como atrapalhar?

Impondo-se a perspectiva, a ética, da objetividade, o objeto. Ou da subjetividade.

Impondo-se o objetivismo, o teórico, o conceitual, o técnico, o exPLICativo, o proposital, o comportamental, a utilidade, a realidade... Característicos do modo coisa, do modo ôntico, de sermos.

Impor ao episódio do modo ontológico de sermos elementos do modo ôntico de sermos atrapalha o desdobramento de possibilidades do episódio do modo ontológico. Obstruindo sua conclusão.

Sem atrapalho, a intensionalidade da força do desdobramento de possibilidades se impõe. O fenomenológico existencial se impõe. A ação se impõe, na sua dinâmica sinestésica e cenestésica de imPLICação, compreensão, e musculação.

Estamos no âmbito da vivência do ontológico, no âmbito fenomenológico existencial, no âmbito da imPLICação, da perPLEXidade; da metodologia da perPLEXidade.

A perPLEXidade, a imPLICação, é o modo como se organiza a sinestesia, e a cenestesia, da multiPLICidade das possibilidades em desdobramento, no episódio fenomenológico existencial da ação, da fenomenologia da existência.

Por PLEXos (PLIC, PLEXo, em grego).

À medida em que se desdobram as forças ontológicas das possibilidades, em sua função PLástica, as possibilidades constituem dominâncias. Que se organizam pré-conceitualmente em PLEXos (PLIC)(perPLICidade, perPLEXidade). Que, por sua vez, configuram-se como compreensão, e como musculação.

No efetivo episódio da ação, flunamos errantemente pelos fluxos da dialógica da intensionalidade,

Assim, a ação é fenomenologia do erro. Que não tem a alternativa da certeza. Mas que está potentemente direcionada pela intensionalidade do desdobramento de possibilidade -- na im-pro-vis-ação -- como precípua, e primária, referência.

EXPERIMENTAÇÃO, EMPÍRICO, E INTERPRETAÇÃO

A raiz 'peri' origina-se no verbo grego 'PERIRE'. Do qual resulta 'PERIGO', 'emPÍRico', 'exPERImentação', 'insPIração', 'exPIração', 'resPIração', 'vamPIRo', 'PIRa', 'PIRação'.

No sentido científico, a 'experimentação', significa a reprodução de um evento sob condições de controle.

Não é este o sentido que aqui nos interessa.

No sentido ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, mais original, a experimentação nada tem a ver com repetição. E nada tem a ver com condições de controle.

Até porque a experimentação ontológica, fenomenológico existencial, é dialógica -- a relação com um tu alteritário, e desconhecido, com o qual interagimos pontualmente, no episódio fenomenológico existencial da ação.

A experimentação, no sentido ontológico, fenomenológico existencial, só tem como referência a própria dimensão cognitiva de cada episódio da ação, que é a pré-compreensão, e a compreensão intuitivas. Que não são objetivas, nem subjetivas, já que derivam, como dialógica, da diápoiese, eu-tu ação. Não são da ordem da exPECTativa, mas da insPECTação da ação.

A exPERimentação é a vivência da dialógica do desdobramento de possibilidades, do episódio fenomenológico existencial da ação.

Esta experimentação fenomenológica existencial é especificamente empírica. Na medida em que não é teórica. Anterior à dicotomia sujeito-objeto, e à possibilidade da teórica: que é a contemplação de um objeto por parte de um sujeito.

Trata-se, assim, de um empirismo fenomenológico, e não do empirismo objetivista.

INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA

O desdobramento de possibilidades, a ação, é o que entendemos como interpretação.

No caso interpretação fenomenológica: o próprio desdobramento da dialógica da ação. Que não comporta a teórica. A dicotomia sujeito-objeto, a contemplação do objeto pelo sujeito.

A hermenêutica é a 'arte da interpretação'. No caso, hermenêutica fenomenológico existencial dialógica. Implicativa, e compreensiva. E não explicativa.

A gestaltificação é uma vivência hermenêutica.

GESTALTIFICAÇÃO E PER/FEIÇÃO

A idéia de gestaltificação trata de um dos temas ontológicos mais nobres. Como nós criamos tudo que criamos.

E nós criamos tudo que existe. Compreensões, obras, atos, dores, alegrias, contratos, distratos... Tudo...

Não criamos autocraticamente. Mas na diápoiética dialógica com os outros, e com o mundo. Que existem como TU. E são alteritários, autônomos, desconhecidos, infensos ao nosso controle. Na interação com os quais nos criamos como EU.

Ontologicamente, não somos sujeitos.

Mas atores.

Que interpretam (criam) fenomenológico existencial, e dialogicamente. Como ação hermenêutica, e experimental, o que pode vir a ser, o possível, a possibilidade.

Que se oferece em nossa vivência ontológica.

Na dialógica com os outros, e com o mundo. E que constituirão, ônticamente, os fatos, as coisas. Os objetos. Constituindo-nos a nós, transitoriamente, como sujeitos.

Sujeitos e objetos são coisas. E são dejetos da ação, em sua provisoriedade.

Até novo episódio eventual da ação.

A vivência ontológica da ação inicia-se com um momento de vivência de um rascunho, de um desenho, um projeto, das possibilidades do episódio da ação intensionalmente em curso.

Este projeto é uma gestalt -- uma forma ontológica, de sentido --, uma totalidade significativa, composta de múltiplas partes.

Seus sentidos se oferecem vivencialmente, à compreensão. Como totalidades significativas de sentidos, Potentes, possíveis -- em suas intensionalidades.

Que se desdobram, implicativamente. Cumprindo, e recriando, quando necessário, o projeto original. Até a conclusão.

Quando -- exauridas as intensionalidades de suas possibilidades --, o projeto pode ser oferecido ao mundo como instalação, como coisa instalada.

Incubada de um TU provocativo, que pode voltar à eventualidade do episódio da ação, na crescente instabilidade, e limites, de sua instalação.

A coisa, em sua instalação -- o fato, em sua fatalidade --, é, pois, o produto de um fazer. De uma feição, de um fazimento.

A feição, fazimento, como hermenêutica, como interpretação, da ação. Da atualização de possibilidades.

A feição, o fazimento, na intencionalidade de suas forças de possibilidades, vai do rascunho do projeto gestaltificativo do episódio da ação, à sua conclusão. Com o decaimento de suas forças de possibilidades, como conclusão. E instalação da coisa.

No percurso, a implicação, a compreensão, e a musculação.

O per-corrimento deste per-curso ontológico da ação -- da pré-compreensão, e compreensão intuitivas do projeto gestaltificativo, movido pela intencionalidade dos plexos de possibilidades, até a sua conclusão --, é PERfeito. A PER-feição, o perfazimento, da ação, e do fato, do feito.

Diferente do fazimento técnico, ou teórico, que não envolvem o perfazimento empírico *pari passum* da dialógica diapoiética, fenomenológico existencial, da atualização de possibilidades.

A intencionalidade de cada uma das múltiplas possibilidades permite a sua atualização, ao nível do refinamento do detalhe, que se projeta como significativo.

A diapoiética, que é dialógica, está presente em todos os momentos do processo.

Isto (também) é Gestalt. :-)

Intuitivamente, Fritz Perls sabia bem o que queria. Um longo percurso, não obstante, ainda restaria até poder explicitar teoricamente o que intuía, a partir de suas fontes originais. No seu tempo, só era possível uma apreensão intuitiva tão profícua. Resta para nós, a necessidade de explicitar seus fundamentos. Que são sólidos. Isso exige explicitar pontes, fontes, e fundamentos que são implícitos, na intuição original.